

AS TECEDERAS DE CRISTO: O IMAGINÁRIO DA MULHER VIRTUOSA E A IRMÃ DE PERSIVAL DE A DEMANDA DO SANTO GRAAL

Alessandra Fabrícia Conde da Silva

Professora da Universidade Federal do Pará, *campus* de Bragança. Email: afcs77@hotmail.com



A demanda do Santo Graal. A irmã de Persival. Tecedeira.

Resumo: Este trabalho apresenta um panorama sobre a presença da tecedeira no imaginário medieval. A tomar a irmã de Persival como a tecedeira do Graal, dialoga com outras figuras que se lançaram ao trabalho dos trançados e das agulhas, pertencentes à tradição judaico-cristã. Georges Duby, Françoise Pipponier, Pierre Brunel, Georges Dumézil e outros estudiosos nos darão amparo teórico.

The weavers of christ: the imaginary of the virtuous woman and the sister of Persival of The Quest of the Holy Grail

The Quest of the holy Graal. Percival's sister. Weaver.

Abstract: This paper presents an overview of the presence of the weaver in the medieval imaginary. By taking Persival's sister as the weaver in the Grail, it dialogues with other figures who also embrace the work with tapestry and needles, a feature of the Judaeo-Christian culture. Georges Duby, Françoise Pipponier, Pierre Brunel, Georges Dumézil and others authors will provide us with theoretical support.



Envio: Envio: 25/08/2018 ◆ Aceite: 13/09/2018

As tecedeiras sempre ocuparam espaço no imaginário judaico-cristão. Em *A demanda do Santo Graal*, tradução portuguesa do século XV, cópia de um exemplar francês do século XIII (*La quête del Saint Graal*), a tradição permanece com a personagem irmã de Persival, responsável por tecer a bainha da espada de Galaaz. O trabalho dos trançados e das agulhas ocupou homens e mulheres desde o *Antigo Testamento*. Rebeca tece peles de cabrito para cobrir as mãos e o pescoço de Jacob (*BERESHIT*¹ 27: 16), assim como este o faz para presentear, com uma túnica listrada, ao filho José (*BERESHIT* 37: 03). Mas não somente Jacob ou Rebeca lançaram-se à arte de coser o couro ou as linhas. O Eterno no Éden entretece pele de animal para vestir o casal original (*BERESHIT* 3: 21).

No apócrifo *Natividade de Maria: Proto-Evangelho de Tiago*², texto da segunda metade do século III, é dito que “Maria [fora] criada no templo do Senhor como uma pomba e recebia o alimento das mãos de um anjo” (NM, 1999, p. 107). Para atender a um chamado dos sacerdotes, coube a Maria fazer uma cortina para o templo. A menina Maria fazia parte de um grupo de sete virgens da tribo de David que foram separadas para tecer o rico tecido da cortina do templo (NM, 1999, p. 108). O pano seria tecido com ouro, amianto, bisso, seda, jacinto, escarlate e púrpura. Por sorte, coube a Maria o fiar o escarlate e a púrpura. E assim a menina o fez: “Trabalhou a púrpura e o escarlate e levou-os ao sacerdote. E o sacerdote a abençoou, dizendo: ‘O Senhor Deus magnificou o teu nome, Maria, e serás bendita em todas as gerações da terra’” (NM, 1999, p. 109).

Sendo um texto conhecido durante a Idade Média, a *Natividade de Maria* apresenta alguns pontos de intersecção que são bem conhecidos da matéria da Bretanha. Em primeiro lugar, a menina Maria, sendo criada no templo, recebia das mãos de um anjo os alimentos (NM, 1999, p. 107), como a mulher da Capela (DSG, 1995, p. 117), ou o rei *tolheito*, rei paralítico (DSG, 1995, p. 435) n’*A demanda do Santo Graal*. Em segundo lugar, assim como Maria, a irmã de Persival também se lançou ao trabalho das agulhas, desempenhando um “rico dom” (DSG, 1995, p. 315).

¹ As referências ao *Tanach* (Antigo Testamento), concernentes ao assunto judaico, foram retiradas da *Bíblia Hebraica*, traduzida do original em hebraico (versão do *Kéter* de Alepo [Aram-Tsobá]), para o português por David Gorodovits e Jairo Fridlin (2006).

² Apócrifo traduzido por Luigi Moraldi. A esse respeito ver: MORALDI, Luigi. *Evangelhos Apócrifos*. Tradução dos textos em copta para o italiano por Luigi Moraldi. Tradução de Benôni Lemos e Patrizia Collina Batianetto. São Paulo: Paulus, 1999.

Costuras, fiações, teares e rocas fazem parte do imaginário medieval voltado à figura feminina: “A literatura romanesca representa as damas e as meninas nobres sobressaindo-se em todos os trabalhos de bordado, e tecendo cintos” (PIPONNIER, 1990, p. 446). Era da competência feminina fiar, tecer e preparar as fibras que seriam utilizadas para produzir o vestuário e os adereços das roupas de toda a família, fossem as mulheres de qualquer classe. O ofício delicado e paciente produzia um trabalho elaborado. A fim de satisfazer a uma exigência da profecia que legitimaria o herói, a irmã de Persival mostrar-se-á hábil tecedeira, quando coserá a bainha da espada de Galaaz. Dizia a profecia que a espada de David, herdada por Galaaz, receberia uma bainha ornada com ricos materiais: “E eram obras de ouro e de pedras preciosas e de seda e dos cabelos da donzela” (DSG, 1995, p. 314). E assim a piedosa donzela o fez, doando os seus próprios cabelos para realizar a tarefa. Segundo a *Demanda* (1995, p. 314-315), um dos materiais utilizados para tecer a bainha seria pertencente à donzela; algo que ela teria de mais precioso.

Sabedes que elas som feitas da rem que eu mais em mim amava; e se a muito amava nom era grande maravilha ca, depois que rei Artur começou a reinar, nom viu homem tam fremosos cabelos como eu havia. Esto diziam quantos cavaleiros e quantas donas os viam. Mas por esta cinta e por este al que tem em lugar de correas me fiz troquiar e nom me acho delo mal pois per i dei cima a tam fermosa aventura como esta. (DSG, 1995, p. 314-315).

Doar-se por um ideal é o que move a irmã de Persival. Primeiro porque ela aceita, alegremente, privar-se de sua beleza e vaidade. Segundo porque ela distinguiu-se na aventura do Graal; honra não dada a outra mulher na narrativa. O cabelo, símbolo da vaidade feminina, é ofertado como dádiva à causa religiosa. Mas, na mesma narrativa, o cabelo pode ser símbolo de vergonha e de impiedade. Relembremos das narrativas sobre Genebra e Caifás. A rainha adúltera, no sonho de Lancelot, é descrita com longos cabelos, enfiada e assemelhando-se a uma serpente. Imagem análoga é atribuída ao judeu Caifás, encontrado, pelos cavaleiros e a donzela, numa penha (DSG, 1995, p. 316). Ambos aparecem na história desnudos e os cabelos apresentam-se disformes, fora do padrão tanto para um homem, quanto para uma mulher. A rainha está “escabelada” e “toda nua” (DSG, 1995, p. 160). O judeu Caifás apresenta uma cabeleira tão longa que passa a servir-lhe de

vestimenta, posto que estivesse nu. O conto informa que não se sabe se é homem ou mulher (DSG, 1995, p. 316). Identidade inicialmente encoberta por um cabelo longo como o de uma mulher. Ambos imagem do Diabo. Consideremos ainda a relação entre o luto e os cabelos, conforme vemos na narrativa sobre Sigune (ESCHENBACH, 1980, p. 80). Na *Legenda Áurea* (2003, p. 266), os cabelos podem apresentar nova simbologia: são elementos que favorecem ao martírio. Santa Juliana é dependurada pelos cabelos, “enquanto lhe derramavam chumbo derretido sobre a cabeça”. Podem também encobrir a nudez, não do pecador, como se viu na *Demanda*, mas da santa. Santa Inês, despida e humilhada publicamente, fora enviada a uma casa de prostituição como castigo: “Mas o Senhor tornou seus cabelos tão espessos que ela ficou mais coberta por eles do que por sua roupa” (VARAZZE, 2003, p. 184). Exemplos de fidelidade e de virtude, essas mulheres encontraram, no martírio, a glorificação às suas ações piedosas e de grande valor.

Mas, além de virtudes e piedade, *Mishlê* 31 (Porvérbios) descreve a mulher sábia e virtuosa:

Uma mulher valorosa, quem a encontrará? Pois seu valor está acima do de pérolas. O coração de seu marido nela confia plenamente, e fortuna não lhe faltará. Ela lhe faz o bem e evita o mal por todos os dias de sua vida. Busca lã e linho, e diligentemente trabalha com suas mãos. Como as naves mercantes, de longe provê seus mantimentos. Levanta-se quando ainda é noite, prepara alimento para a família e porções para suas servas. Considera um campo e o adquire, e com o fruto de suas mãos planta um vinhedo. Reveste-te de vigor e incrementa a força de seus braços. Observa para que seja boa sua mercadoria; mesmo à noite não se apaga sua lâmpada. **Aplica-se no trabalho da roca, e suas mãos sustentam o fuso.** Estende sua mão aos pobres e sua generosidade aos necessitados. Não teme por sua família quando vem a neve, porque para todos aprontou vestes de frio. Ela mesma borda suas cobertas; seus vestidos são do mais fino linho branco e púrpura. Seu marido é respeitado nos portões, quando senta entre os anciãos da cidade. Ela faz vestimentas de linho, vende-as e as entrega com cintos aos negociantes. Força e dignidade a revestem, e ri confiante no futuro. **Só abre a boca com sabedoria**, e a lei da bondade está sempre em sua língua. Cuida de tudo na casa e não come o pão da ociosidade. Seus filhos se levantam e a abençoam, junto com seu marido, que a louva, dizendo: 'Muitas são as mulheres de valor, mas tu a todas sobrepujas!' Passageira é a graça e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Eterno por todo o sempre será louvada. Concedei-lhe do fruto de suas mãos e que seja louvada por suas obras nos portões (da cidade)! (*MISHLÊ* 31: 10-31. Grifos nossos).

O ideário judaico-cristão apresenta uma figura feminina hábil nas artes do fiar. A boa mulher é uma tecedeira, dedicada ao abastecimento de roupas e alimentos, a fim de manter a ordem familiar. A donzela irmã de Persival é uma destra fiandeira³. Mas ela não tece apenas a bainha da espada de Galaaz, ela tece ainda os destinos dos cavaleiros.

Ela fala e age com sabedoria, segundo a imagem feminina desenhada em *Mishlé* 31, o que nos leva a considerar uma outra tradição. Segundo a cultura mítica grega, a deusa da sabedoria, Atena, “preside aos trabalhos femininos da fiação, tecelagem e bordado” (BRANDÃO, 1987, p. 27). Em dado momento, a deusa trava um conflito contra a orgulhosa e vaidosa Aracne, habilidosa nas artes do tecer e bordar:

A perícia de Aracne valeu-lhe a reputação de discípula de Atená, mas entre os dotes da fiandeira não se contava a modéstia, a ponto de desafiar a deusa para uma competição pública. Atená aceitou a provocação, mas apareceu-lhe sob a forma de uma anciã, aconselhando-a a que depusesse sua *hýbris*, sua *démesure*, seu descomedimento, que não ultrapassasse o *métron*, que fosse mais comedida, porque os deuses não admitiam competição por parte dos mortais. A jovem, em resposta, insultou a anciã. Indignada, Atená se manifestou em toda a sua imponência de imortal e declarou aceitar o desafio. Depuseram-se as linhas e deu-se início ao magno concurso. Atená representou em lindos coloridos, sobre uma tapeçaria, os doze deuses do Olimpo em toda a sua majestade. Aracne, maliciosamente, desenhou certas histórias pouco decorosas dos amores dos imortais, principalmente as aventuras de Zeus. Atená examinou atentamente o trabalho da jovem lídia. Nenhum deslize. Nenhuma irregularidade. Estava uma perfeição. Vendo-se vencida ou ao menos igualada em sua arte por uma simples mortal e irritada com as cenas criadas por Aracne, a deusa fez em pedaços o lindíssimo trabalho de sua competidora e ainda a feriu com a naveta. Insultada e humilhada, Aracne tentou enforcar-se, mas Atená não o permitiu, sustentando-a no ar. Em seguida, transformou-a em *aranha*, para que tecesse pelo resto da vida. (BRANDÃO, 1987, p. 27).

Para além do cruel destino de Aracne, o ideário grego, toma a imagem monstruosa da aranha e empresta-a à mulher tecedeira, colocando-a numa posição de árduo labor, mas também de implacável destino, quer o seu, tecendo os fios de sua triste sina, quer o das vítimas que trilharão, amarguradamente, as malhas de suas teias. Mas não somente de tristes fios serão tecidos os destinos das fiandeiras. Ligadas também à figura de Atenas, até

³ Sobre o mito das fiandeiras ver LIBOREL, Hugues. As fiandeiras. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind [et al.]. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 370-384.

mesmo os homens, orgulhosamente, foram atados aos teares e fusos. Conforme os comentários de Plínio, o Antigo: “[...] mesmo para o homem seria honroso fiar o linho” (LIBOREL apud BRUNEL, 1998, p. 379).

Entre imagens de dores lancinantes e de glórias, a tecedeira mostra-se construção ambígua. De certa forma, ela mesma obedece às tramas entretecidas por outras mãos, assim como Aracne será uma artífice inglória para a glória de Atenas, mas também é ela mesma a autora dos destinos de outros. Consideremos que a mulher de Salomão⁴ fia o destino dos cavaleiros descendentes do rei David e o da própria heroína do Graal. A seu tempo, a irmã de Persival traçará não somente as trajetórias dos cavaleiros do Graal, após a aventura na nave maravilhosa, mas será ela mesma, de fato, uma fiandeira, ao coser a bainha da espada de Galaaz. Mas ao lidarmos com as narrativas que envolvem a irmã de Persival, e até mesmo as da mulher de Salomão, a contrapelo, vemos que dois mitos gregos se entrelaçam. Não mais Aracne e, sobretudo, Atenas terão protagonismo, mas as Moiras mostrarão suas habilidades.

As Moiras gregas⁵ eram filhas de Zeus e de Têmis. Foram personificadas, tripartidamente, após as epopeias de Homero. Assim, Cloto, Láquesis e Átropos tornaram-se as arquitetas do destino dos homens. Cada uma das Moiras tem função específica. Cloto é a que trabalha com os fios e com o fuso. Láquesis é “a sorteadora: a tarefa de Láquesis é enrolar o fio da vida e sortear o nome de quem deve morrer” (BRANDÃO, 1986, p. 231). Átropos é a inflexível, a que corta o fio da vida. Assim, os trabalhos de fiação de Cloto, o conhecer e o tracejar o destino das pessoas de Láquesis e a firmeza de propósito de Átropos, mesmo que conduzam à morte, são marcas distintivas da irmã de Persival.

Como vimos acima, coube à irmã de Persival o tecer a bainha da espada do herói do Graal (DSG, 1995, p. 314). Mas ela também tem função profética e norteadora das ações dos

⁴ Em *La quête del Saint Graal*, edição de Albert Pauphilet (1923), a personagem é protagonista da narrativa da barca de Salomão, “la nef merveilleuse” (QSG, 1923, p. 291). A mulher de Salomão apresenta na narrativa grande inteligência e conhecimento, angariando de seu marido apoio e consideração, apenas após a Santa Voz legitimar a sabedoria da mulher do rei hebreu. Na *Demanda* portuguesa, ela é citada duas vezes. Em *La demanda del Sancto Grial com los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaz su hijo*, edição de Adolfo Bonilla y San Martín (1907), sobre um texto sevilhano de 1535, não há menção clara sobre ela. No entanto, o silenciamento de seu protagonismo não é o esquecimento de sua história.

⁵ Sobre as Moiras ver BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol 1. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 231

cavaleiros Galaaz, Boorz e Persival. À beira da morte, após a apoteose de sua participação na *Demanda*, ao doar o seu sangue para curar uma má senhora, a donzela diz:

- Irmão Persival, eu moiro por saúde desta dona. Rogo-vos que me nom soterrades, mas tanto que for morta levade-me ao porto do mar que daqui achardes mais perto e metede-me em ãa barqueta e leixade-me ir assi como a ventura me queira guiar. E eu vos digo verdadeiramente que já tam toste nom iredes aa cidade de Sarraz, u havedes de ir depós o Santo Graal, que me vós a pee da torre nom achedes. Entom fazede tanto por mim e por vossa honra: fazede-me soterrar no paaço Celestial. E sabedes porque vo-lo rogo? Porque dom Galaaz há i de jazer soterrado e vós, irmão, outrossi. (DSG, 1995, p. 328).

Mas não se trata apenas de vaticínos mortuários. A irmã de Persival cumpre três funções: a mulher que tece, a mulher que cura e a mulher que conhece e comanda. Falamos acima sobre a sua função de tecedeira (DSG, 1995, p. 314); e comentamos, brevemente, sobre a sua participação na cura de uma mulher infiel. Convém, por ora, determo-nos um pouco mais sobre este tópico. Havia um costume nas terras de uma *desleal senhor* de colher o sangue de donzelas para dá-lo à rainha do castelo. Satisfazendo aos ditames de uma profecia, a donzela, contrariando os cavaleiros Boorz, Persival e Galaaz, aceita participar do nefasto costume e doa o seu sangue. Cumpre-se nela a profecia. Ela cura a rainha leprosa: “Em aquel dia mesmo foi a dona guarida ca, tam toste que a lavarom do sangue da **santa donzela**, logo foi limpa de toda sua gafidade” (DSG, 1995, p. 329. Grifos nossos).

O narrador não é parcimonioso no emprego do adjetivo: ela é santa. Sua trajetória assemelha-se em milagres à da dona da Capela que fez “tam fremosos miragres e tam fremosas virtudes que de todas partes do reino de Logres i vinham. E nom vinha i tam frebre nem tam enfermo nem tam mal treito já nom seeria que nom recebesse saúde (DSG, 1995, p. 452). Talvez não em quantidade, mas na profundidade do drama. A dona da capela fora aprisionada, como condenação, ao ser julgada assassina de seu esposo. Chamada Genevra, a rainha proveniente da linhagem de Persival, era alimentada por mãos divinas (DSG, 1995, p. 451-452). Mas não são essas duas mulheres da linhagem de Persival a estarem envolvidas em milagres. A tia de Persival, requestada pelo rei Artur, refugiou-se em uma floresta por dez anos, comendo somente ervas cruas. Ao morrer, após uma vida de piedade e ascetismo, aparece em visão ao rei Artur, atestando-lhe a sua luxúria e castigo (DSG, 1995, p. 181). Se

algumas mulheres da estirpe de Persival, citadas na *Demanda*, apresentam aspectos de santidade, nenhuma delas se equipara à irmã do cavaleiro. Ela é santa como santo se constitui Galaaz, uma vez que atende às exigências de profecias que a legitimam como heroína do Graal, ou porque também tem funções de cura, como se vê no filho de Lancelot. No entanto, além de serem aparentadas de Persival ou de estarem envolvidas em milagres, essas mulheres viveram enlaçadas em ambientes aziagos e em circunstâncias de dores. Para Georges Duby (1989, p. 163), “a dor é, antes de tudo, problema de mulher” e, na *Demanda*, as santas precisam padecer. A despeito de Galaaz viver uma vida de ascetismo, os milagres por ele realizados não exigiram padecimentos. A sua presença garantia saúde aos desafortunados. Por ilustração, citaremos três momentos de milagres: Primeiro, a presença do cavaleiro, *sergente* de Jesus Cristo, impede que manifestações demoníacas continuem a afligir uma mulher, assim, “a dona sandia foi sã pela **vinda** de Galaaz” (DSG, 1995, p. 301), conforme vaticínios de uma monja; segundo, uma donzela foi curada de lepra pela presença de Galaaz e por vestir a estamena do cavaleiro, segundo salientou um ermitão: “e guareceria quando i **viessse** o bõõ cavaleiro” (DSG, 1995, p. 305-307); e terceiro, com o Rei Peleam: e “ũa voz disse a Galaaz que Rei Peleam havia de guarecer per sa **vinda**” (DSG, 1995, p. 434. Grifos nossos). Sabemos então que o cavaleiro apenas conduziu a bacia com o sangue de Cristo e derramou sobre a ferida do Rei *tolheito*.

Se dor é substantivo feminino, comando e conhecimento também o são. Ao menos para algumas personagens femininas na *Demanda*. O que tem a conhecer e a comandar a donzela irmã de Persival? Diz o ermitão a Galaaz: “Filho, este é o departamento que vos eu dizia” (DSG, 1995, p. 300). E assim Galaaz foi liberado para seguir a uma jovem encoberta que lhe chamava para uma aventura:

Eu quero, dissí ela, que filhede vossas armas e subades em vosso cavalo e que vades pós mim u vos eu quiser levar, e eu vos digo que vos mostrarei mui cedo a mais freiosa nem a maior aventura que nunca viu cavaleiro em vosso tempo. E vós lhe daredes cima, se Deus quiser. (DSG, 1995, p. 300).

Cabe à donzela, em vários momentos da aventura, mostrar o caminho, revelar o conteúdo de cartas misteriosas e indicar ações a serem tomadas: Em primeiro lugar, a donzela indica o caminho: “Senhores, disse a donzela, em aquela nave é a aventura por que

Deus todos três nos ajuntou. **Convém**-nos sair desta e ir aquela” (DSG, 1995, p. 311). Em segundo lugar, após acharem a carta da nave, a donzela adverte: “– Senhores, disse a donzela, **sabede** que esta é a prova dos cavaleiros verdadeiros e dos leaes sergentes de Nosso Senhor que andam em esta demanda ca já cavaleiro nom entrará i que ande em pecado mortal que logo se i nom perca” (DSG, 1995, p. 312). É a explicitação dos mistérios celestiais. Em terceiro lugar, a donzela indica a ação a ser tomada, no que tange à espada: “Por ela vos adusse eu aqui, disse ela. **Convém** que vós provedes se a poderedes sacar da bainha; e, se a de i sacardes, **sabede** que vós sodes o mui bõõ cavaleiro que havees de dar cima aas aventuras do regno de Logres” (DSG, 1995, p. 313. Grifos nossos). Há sempre uma indicação do que deve ser feito e uma explicação do porquê deve ser feito, como podemos notar pela utilização dos verbos *convém* e *sabede*, presentes no discurso da donzela. Ela revela o desconhecido e mostra o que é conveniente realizar. Na *Demanda*, dentre as tarefas da donzela, o tecer e o falar se coadunam. Depois do tecer, o falar, pois quem tece cria uma coisa nova, cria os destinos:

E esta carta nos diz que lhe há esta cinta seer tirada per filha de rei virgem e que ela meterá i correas fremosas e apostas e tam ricas como convém a tam rica espada. **E depois converrá que aquesta donzela ponha nome a aquesta espada.** (DSG, 1995, p. 314. Grifos nossos).

A sabedoria e a destreza nas artes das tecedeiras que a irmã de Persival apresenta, torna-a figura de renome, louvada entre os homens, como a mulher de *Mishlê* 31. Ela é herdeira de Atenas, ao mesmo tempo que apresenta alguns aspectos do destino de Aracne, mas, na narrativa do Graal, as mãos que tecem a irmã de Persival, não são as da deusa da sabedoria, mas as masculinas, por vezes, arbitrariamente, acostumadas ao trabalho misógino. Nela, com perfeição, mais que na mulher de Salomão, uma construção triádica se organiza.

A propósito, as célebres proezas da irmã de Persival estendem-se não somente por sua soberania, já que filha de rei, e heroísmo, ao lançar-se em aventuras, mas ela satisfaz aos requisitos de uma ordem triádica prescrita por Georges Dumézil em *El destino do Guerrero*, a respeito das funções de sacerdote, guerreiro e produtor: “administración de lo sagrado, del

poder y del derecho; de la fuerza física; de la abundancia y de la fecundidade” (DUMÉZIL, 1969, p. 3). No primeiro aspecto, a sabedoria e o conhecimento demonstram a sua habilidade de gerir e liderar, tanto numa perspectiva religiosa, quanto com nuances de soberania; no segundo, a força, mais que o desempenho físico, –pois este vê-se magistralmente em Galaaz – mostra-se habilidade de propósitos, mesmo que a conduzam ao padecimento corporal; e, no terceiro aspecto, como previsto em *Mishlé* 31, a boa mulher é boa provisor, mestra nas artes domésticas para bem satisfazer as exigências dos destinos dos cavaleiros, assim como o seu próprio.

Retomando o mito de Atenas vigorosa, vemos ainda certos traços viris que podem ligar a causa defendida pela irmã de Persival à causa de Atenas, deusa guerreira e protetora (BRANDÃO, 1987, p. 30). Ela não somente teceu, nomeou e conduziu, armas e cavaleiros, mas protegeu e garantiu que os elementos da profecia acontecessem, sendo ela mesma tecida e tecedeira da narrativa.

Para além da condição de submissão, amargura e humildade que se consolidou, sobretudo nas mulheres da linhagem de Persival, há, também, quer na mulher de Salomão, quer na irmã de Persival, atitudes viris. No entanto, a virilidade ultrapassa, por exemplo, a condição de sabedoria que as duas personagens demonstram em vários momentos. As artes viris, de certo modo, assim com as artes domésticas, são aliadas das duas personagens, tornando-as destacadas até mesmo dos homens, quando em apatia momentânea. Se Salomão e os cavaleiros do Graal não sabem o que fazer, ou não entendem os mistérios, essas duas mulheres os conduzirão ao caminho correto seja com sabedoria, habilidade nas palavras, e até mesmo sedução, quando lhes convier. Claro que este último aspecto não se aplica à donzela irmã de Persival, embora a narrativa a descreva bela, como vimos, e até mesmo em relação à mulher de Salomão só é aplicável, parcialmente. Bonita, como se sabe pela tradição bíblica, e astuta, ela sabe como chegar ao coração do rei, abordando-o com sabedoria. Em *La quête del Saint Graal* (1923, p. 221), a mulher de Salomão sabe que este anda angustiado e diz a narrativa que ela não o inquire, diretamente, mas age com cautela, buscando o bom humor do marido que não se recusa a atendê-la. De tal modo, sedução, habilidade de articulação e sabedoria são armas utilizadas pela mulher de Salomão, assim

como o falar, o fiar e o prantear são expedientes utilizados pela irmã de Persival em sua trajetória, como vimos.

As virtudes viris de que falamos não se referem unicamente aos combates marciais. Em textos literários sobre as Amazonas ou as Valquírias, encontramos exemplos de mulheres que se mostraram “capazes de realizar todos os gestos que executam o herói, capazes inclusive de ridicularizá-los (BOYER apud BRUNEL, 1998, p. 745). Consideremos ainda os romances sobre a donzela guerreira, bela e talentosa em feitos de guerra, “[...] que las armas y el caballo // bien lo supe manejar” (PIDAL, 2010, p. 200), e em sabedoria: “Allí habló la más chiquita, // em razones la mayor” (PIDAL, 2010, p. 197). Curtius, como vimos, comenta que habilidade de falar, inclua-se neste aspecto a sabedoria, como se vê em Heitor ou Ulisses, por exemplo, assim como habilidade em armas, caracterizam o herói, satisfazendo a fórmula da *sapientia et fortitudo*: “eloqüente em palavras, e hábil nos feitos” (CURTIUS, 1996, p. 232). Curiosamente, na tradição judaico-cristã, algumas mulheres foram conectadas a uma imagem viril, colocadas na linha de frente do perigo. Na *Legenda Áurea*, Santa Marta, além da eloquência, aprisiona com o seu cinturão o grande animal Onaco, “um dragão metade animal, metade peixe, mais gordo que um boi, mais comprido que um cavalo, com dentes cortantes como espada e pontiagudos como cornos, munido de cada lado de dois escudos” (VARAZZE, 2003, p. 587). Santa Eufêmia, de igual modo, é descrita lutando como um homem para proteger a sua virgindade (VARAZZE, 2003, p. 811). No entanto, nada se compara aos trabalhos viris das onze mil virgens peregrinas da Bretanha, lideradas por Santa Úrsula, bela, sábia e honesta:

De fato, elas logo se prepararam nos exercícios de guerra, correndo, simulando fugas, entregando-se a todo tipo de jogos, a tudo quanto imaginavam servir à causa da guerra, manobras das quais as vezes retornavam ao meio dia, às vezes quase a noite. (VARAZZE, 2003, p. 883).

Beleza, ao que parece, segundo algumas narrativas da tradição judaico-cristã, podem ser utilizadas não só como via que ocorre à volúpia masculina e conseqüente martírio, por conta da negação da dama. As santas da *Legenda* foram descritas como portadoras de extrema beleza, mas, enquanto para elas, a beleza conduziu-as à morte sofredora e violenta, a aparência bela de Judite e até mesmo de Ester levou-as a salvar o seu povo contra o

invasor e inimigo. Judite, de estonteante beleza, encanto e astúcia, o invasor Holofernes, segundo a tradição católica, corajosamente, “golpeou por duas vezes o seu pescoço, com toda a força, e separou a sua cabeça” (JUDITE⁶ 13: 8). Ester com a sua beleza, sabedoria e eloquência ganha a simpatia e o amor de Ahashverosh (Asseuero) que a favorece contra o inimigo dos judeus, Haman (ESTER 5: 1-5).

Na *Demanda*, em Galaaz e na bela irmã de Persival a fórmula ganha perfeição. Além disso, o fiar, o falar copiosamente, condição de denegação do feminino segundo o ideário patrista, e o chorar, podem fazer parte do mesmo quadro de promoção feminina, como vimos nas narrativas sobre os trabalhos da donzela irmã de Persival. No caso da irmã de Persival, suas aventuras conduziram-na a lograr admiração e louvor por partes dos cavaleiros do Graal [Galaaz, Boorz e Persival] (DSG, 1995, p. 454). A sabedoria e o conhecimento mostraram-se tão agudos e penetrantes, quanto uma espada e os trabalhos de mulheres, como o fiar, tão engenhosos, quanto a palavra. Mas nos dois casos, a dor coroou cada ação, seja a dor no próprio corpo, seja a dor na alma, a dor da humilhação, ecoando um discurso bastante comum às heroínas do Graal: a dor é peculiar à essência feminina.

Referências

A DEMANDA do Santo Graal. Edição de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1995.

A SANCTA BIBLIA: contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzidos em português pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: B. Bensley, 1821.

BIBLIA HEBRAICA. Baseada no Hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Editora & Livraria Sêfer, 2006.

BOYER, Régis. Mulheres viris. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind [et al.]. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 744-746.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol 1. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁶ Utilizamos a edição d’A *Sancta Bíblia*, traduzida da *Vulgata* pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, por ser a versão utilizada oficialmente pela Igreja no período medieval. No entanto, ao procedermos com a análise dos textos da matéria da Bretanha, utilizaremos também, para as referências do *Tanach* (Antigo Testamento), a tradução para o português da *Bíblia Hebraica*, como já foi referenciado.

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol 2. Petrópolis: Vozes, 1987.
- DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens. Do amor e outros ensaios*. Tradução de J. Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.
- ESCHENBACH, Wolfram von. *Parzival*. Translated by A. T. Hatoo. London: Penguin Books, 1980.
- LA DEMANDA del Sancto Grial com los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaz su hijo. Segunda parte de la Demanda Del Sancto Grial. In: Libros de Caballerías, edición de Adolfo Bonilla y San Martín. Madrid: Nueva Biblioteca de Autores Españoles, 1907, p. 162-338.
- LA QUESTE DEL SAINT GRAAL. Édité par Albert Pauphilet. Paris: Honoré Champion, 1923.
- LIBOREL, Hugues. As fiandeiras. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind [et al.]. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 370-384.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *Flor nueva de Romances Viejos*. Madri: Austral, 2010.
- MORALDI, Luigi. *Evangelhos Apócrifos*. Tradução dos textos em copta para o italiano por Luigi Moraldi. Tradução de Benôni Lemos e Patrizia Collina Batianetto. São Paulo: Paulus, 1999.
- PIPONNIER, Françoise. O universo feminino: espaços e objetos. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). *História das mulheres no Ocidente: a Idade Média*. Tradução de Ana Lusa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990. v. II. p. 441-459.
- VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. Tradução de Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

